CARTA A ESTUDANTES ANTIMANICOMIAIS

As coisas não acontecem, elas são feitas. E, embora o cuidado, a liberdade e o cuidado em liberdade não sejam coisas, eles também exigem feitura e precisam ser cultivados, regados e colhidos. É preciso agir no mundo. Quem nos transforma em coisas é este tempo cinzento, repleto de um ar pesado que contamina nossos sentimentos e nosso ânimo para a ação. Por isso, chegou o momento de agir! Nestes tempos de desencanto, imobilismo e escapismo, é alentador dialogar com uma juventude que rejeita a máscara que o individualismo insiste em impor. Enquanto a mentira, o ódio e o projeto de retirada de direitos falsificam a realidade, nós escolhemos esperançar e retirar o véu do imobilismo.

Existe uma onda neoliberal que se utiliza da direita para impor uma série de perdas de direitos. Já vivemos em um mundo em que essa onda nos retirou o direito à aposentadoria, o direito a empregos de qualidade, com carteira assinada e leis que nos resguardam enquanto trabalhadores, e até mesmo o direito de sonhar com um futuro. Mas há como barrar essa onda. Afinal, somos nós o oceano!

No mundo que se desenha, em uma sociedade na qual as questões de saúde mental atravessam todas as dinâmicas da vida social, do trabalho, das escolas e das universidades, o sofrimento e a angústia se intensificam. Nestes tempos, somos a juventude e a vanguarda desse processo, e devemos fazer as coisas à nossa maneira. É preciso tomar nas mãos as rédeas da história: é hora de reinventar o presente e projetar um novo futuro.

Escrevemos a vocês com a urgência de quem sabe que a história não é um arquivo morto, mas um campo onde pulsam as nossas ações. A Luta Antimanicomial, desde que ocupou as ruas deste país com a força daqueles que não aceitavam o silenciamento nem os maus-tratos, nunca foi apenas sobre fechar as portas dos velhos hospícios. Ela é, em sua raiz mais profunda, o anúncio de um projeto de humanidade. É a nossa recusa estética, ética e política a qualquer engrenagem que ouse transformar a diversidade humana ou o sofrimento em mercadorias, em desvios morais ou em casos de polícia.

Pela história viva na memória de ontem, nas vivências de hoje e nas perspectivas de amanhã, vamos ao mundo colorir tudo o que for possível com a nossa humanidade. Essa obra será assinada por aqueles que vivenciam o sofrimento psíquico e os ditames da exploração e da opressão, assumindo a linha de frente dessa trincheira e tendo a clareza de que o manicômio não é feito apenas de muros altos e grades. O manicômio é também uma lógica. É preciso plantar e pintar um outro tempo, e serão as nossas mãos aquelas que o construirão.

Temos urgência em enfrentar o projeto de precarização, privatização e militarização do cuidado. O cuidado que defendemos e construímos a duras penas não cabe em celas, não exige atestados de obediência e não cobra pedágios. Portanto, precisamos ocupar o nosso chão e, nele, convencer aqueles com quem o compartilhamos.

É agora o momento de sermos agentes concretos dessa luta. A tarefa que se impõe à juventude que hoje milita no movimento da luta antimanicomial não é apenas resistir aos retrocessos, mas encantar a sociedade com a nossa proposta. É preciso defender e demonstrar que a loucura não se tranca, que o uso de substâncias não se resolve com castigo e que a dignidade é inegociável. Vamos às urnas construir essa história com as nossas próprias mãos. Sigamos em marcha, com a sensibilidade à flor da pele, transformando em verso a denúncia do autoritarismo e desenhando o anúncio da diversidade. É hora de dialogar com a firmeza de quem sabe de que lado da história caminha.

Sim, há perigo na esquina. Mas, se o sinal está fechado para nós, que possamos ocupar toda a rua, que é pública e pertence a todas as pessoas, e nela trilhar o caminho rumo a uma sociedade sem manicômios, ontem, hoje e para sempre. É possível impedir o retrocesso, desde que caminhemos agora, já e juntos. Vamos?

A vitória, assim como o cuidado, a liberdade e o cuidado em liberdade, não acontece, ela é feita. Vamos construir a nossa vitória com Lula na Presidência!

São Paulo, 24 de outubro de 2026

Ana Paula Guljor
Presidenta da ABRASME